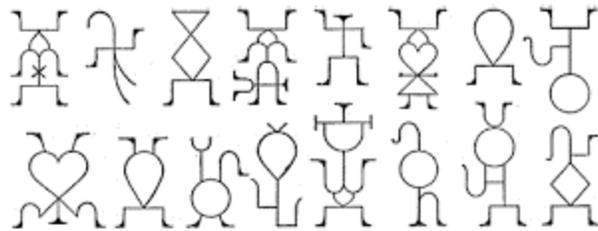


MANUAL
DO
ANTIRRACISMO



Não são as nossas diferenças que nos dividem. São as nossas inabilidades de reconhecer, aceitar e celebrar tais diferenças. Audre Lorde

É de grande importância aprendermos sobre as histórias e culturas africanas, afro-brasileiras e indígenas, para combatermos o **racismo** e promovermos a **igualdade** por meio da **educação**, sem perdermos de vista as **relações étnico-raciais** nas escolas do nosso País, que possui tanta **Diversidade**, e, ao mesmo tempo continua tão desigual. Há mais de treze anos, a **Lei nº 10.639/2003**, resultado das lutas dos movimentos negros no Brasil do século XX, torna obrigatório o ensino de histórias e culturas africanas e afrobrasileiras nas escolas de todo o País. E a **Lei nº 11.645**, que incorpora a história e cultura dos povos indígenas, também veio fazer a diferença.

Mas ainda estamos caminhando muito devagar. Para auxiliarmos neste processo criamos o **MANUAL DO ANTIRRACISMO**, dentro do Projeto **Tessitura Brasil – Um País com muitas Histórias**, no site: <http://tessiturabrasil.wix.com/projetolinguagens>. Este **Material Complementar** utiliza-se de histórias das culturas brasileiras e africanas, que podem ser oralizadas e estão no site: <http://tessiturabrasil.wix.com/projetolinguagens> visando ajudar as comunidades escolares a reconhecerem **O que é o racismo** dentro do ambiente de aprendizagem e como erradicá-lo do meio escolar, fazendo com que, tanto alunos, pais, professores e funcionários reflitam sobre este mal. Ainda apresenta materiais didáticos informativos e complementares, inclusos no corpo deste, no formato de *links*. Criado dentro do Curso de História da UDESC - Universidade do Estado de Santa Catarina, FAED, tem a colaboração dos seguintes discentes: Alzira Sterque e Alexandre Souza. Dentro da Disciplina: *Prática Curricular: Ensino de História e suas Linguagens II*. Docente: Ana Luiza Mello Santiago de Andrade, no primeiro semestre do ano de 2016. Procurando abarcar os conteúdos das disciplinas: 2HBRI - História do Brasil I, 3HSCI – História de Santa Catarina e 4HAFI – História da África.

O Projeto **Tessitura Brasil – Um País com muitas Histórias**, no qual se inclui este **MANUAL**, visa promover a harmonia entre as pessoas. O nosso intuito primordial é se utilizar das histórias, que podem ser oralizadas, e do conhecimento deste **MANUAL**, como base, para juntos reconhecermos que, sejam quais forem as nossas origens, crenças e modos de viver estamos unidos como brasileiros que desejam coexistir em um país livre de intolerância racial.

Se pudéssemos fazer a diferença, poríamos um fim à discriminação racial. O mundo está cheio de diferentes cores e tonalidades, mas debaixo do manto frágil da cor existe uma pessoa, uma pessoa como você e eu, alguém que sente e ama e cuida.

Cartaz escrito por uma criança anônima, em 1997, em Londres.

O **MANUAL DO ANTIRRACISMO** pretende servir de guia escolar e pode ser reproduzido, no todo ou em parte, para fins de estudo, desde que seja mencionada a sua fonte e não seja utilizado para uso comercial ou de venda.

Introdução

O **racismo** é uma coisa cruel e injusta, que penetra fundo na alma e permanece muito tempo nas memórias individuais e coletivas. E isso não é uma coisa do passado – mas algo que persiste em todo o mundo e até mesmo em nosso próprio País. Existem brasileiros (jovens e idosos, de diversas culturas religiosas e diferentes origens de línguas, diversos modos de viver, diversos gêneros, incluindo as comunidades cujos membros vivem no Brasil desde os primeiros tempos e aqueles que chegaram, por imigração, recentemente), que ainda experimentam o **racismo**. Todos nós temos o dever de fazer o que pudermos para mudar esta história.

O conhecimento da história e o impacto do **racismo** é essencial para a compreensão e a mudança. Tudo isso pode ser apenas uma faísca que inflame a ação contra o **racismo**; tanto pelos indivíduos como pelas comunidades locais. E acreditamos que a **educação** é a chave para esse processo.

As escolas desempenham um papel crítico no desenvolvimento das mentes jovens. A construção das relações entre as pessoas de diferentes origens cria uma sociedade civil socialmente justa. Porque é desta geração que surgirão os alunos, os líderes comunitários do futuro – líderes que lutem com a complexidade da questão do **racismo**, em todas as suas formas.

O **MANUAL DO ANTIRRACISMO** nos convoca a refletirmos sobre as nossas atitudes, para superarmos os nossos próprios preconceitos e desafiarmos todo e qualquer tipo de **discriminação** e de **racismo**.

A nossa esperança é a de que o **MANUAL DO ANTIRRACISMO** venha dar aos jovens o conhecimento, a força e a convicção para lutarem contra o **racismo**, onde quer que ele estiver ocorrendo e desejarem fazer um mundo livre de **racismo**.

Recomendamos a leitura do **MANUAL DO ANTIRRACISMO** também para os professores, alunos e pais, crendo que este projeto irá resultar numa maior compreensão e comprometimento para acabar com o mal do **racismo** no nosso País.

Visão Geral do Projeto

Este projeto visa auxiliar as comunidades escolares e os sistemas de educação a reconhecerem o **racismo** dentro do ambiente escolar.

E, além do mais, o **MANUAL DO ANTIRRACISMO** pretende ser um guia para as escolas brasileiras, que reúne conhecimentos acerca da natureza do **racismo** com estratégias práticas para a luta contra o **racismo** nas escolas.

Mais recursos, tais como histórias, músicas e podcasts, material complementar, que também ilustram os objetivos deste projeto, estão inclusos no site: <http://tessiturabrasil.wix.com/projetolinguagens>

Sumário

Introdução	05
Visão geral do projeto.....	06
Princípios.....	08
1. Objetivos	09
2. O que é Igualdade?.....	09
3. Qual a diferença entre <i>diversidade</i> e <i>igualdade de oportunidades</i> ?.....	10
4. O que é estereótipo?.....	11
5. O que é discriminação?.....	11
6. O que é bullying?.....	12
7. O que é racismo?.....	12
8. O Racismo no Brasil.....	15
9. O Racismo, a Educação e as leis 10.639/03 e 11.645.....	17
10. Muito além do racismo. A questão da reinvenção do brasileiro.....	20
11. O Racismo e as leis punitivas no Brasil.....	22
12. Vamos refletir.....	22
13. Mas ainda existe racismo no Brasil?.....	27
14. O Racismo e a violência.....	33
15. Os Efeitos do racismo nas escolas.....	40
16. Por que, afinal?.....	43
17. Conclusão.....	50
18. Bibliografia.....	51

Princípios:

Uma sociedade justa:

As escolas devem transmitir os valores de uma sociedade brasileira justa, democrática e harmoniosa com um compromisso comum entre todos os membros da comunidade escolar, os direitos humanos e as responsabilidades civis.

Um ambiente seguro e protegido:

Todos os membros da comunidade escolar - funcionários, alunos e pais - têm o direito a um ensino seguro e produtivo, à aprendizagem e a um ambiente de trabalho livre do **racismo**.

Diversidade e identidade cultural:

A diversidade cultural e linguística tem de ser reconhecida e valorizada para que todos os alunos, pais e funcionários sejam capazes de expressarem sua própria identidade cultural; relacionando-se, de forma positiva, com os outros de diversas origens e reconhecendo os benefícios da diversidade para a sociedade brasileira.

Educação culturalmente inclusiva:

O currículo, os recursos, a avaliação e o valor das práticas de ensino tem de corresponder à diversidade cultural e linguística da comunidade e proporcionar experiências educacionais inclusivas, dentro das diversas necessidades de todos os alunos.

Acesso igualitário, participação e resultados:

Os alunos de todas as origens culturais ou linguísticas devem participar dos programas de ensino e aprendizagem, de qualidade, que lhes permitam atingir seu pleno potencial.

1. Objetivo

Fazer com que as escolas contribuam para um Brasil que caminhe a passos largos para uma harmonia social, uma igualdade, permitindo que todos os alunos alcancem seus melhores resultados educacionais em ambientes de aprendizagem livres de **racismo**.

2. O que é igualdade?

Igualdade se refere a **respeitar as pessoas** – às suas crenças, sua cultura, seus atributos físicos e seu modo de viver. E também sobre dar a cada uma oportunidade de crescimento, de acordo com a sua capacidade e forças individuais, sem preconceitos de quem são e em que podem contribuir ou alcançar.

Preciso conhecer todas as regras e jargões para ser politicamente correto?

Ninguém espera que você conheça todos os costumes, as culturas ou as necessidades de todas as diferentes origens. Mas você não pode fazer suposições erradas ou julgamentos antecipados.

Assim, o que uma pessoa é agora, é muito mais importante do que ela era (ou os seus antecedentes eram).

Portanto, não faça suposições, mas demonstre um interesse profundo em cada um – isso irá enriquecer o seu conhecimento e fazer com que eles sintam que você, verdadeiramente, se importa com eles. Muitas vezes temos muitos preconceitos embutidos dentro de nós, que jamais assumimos. Por isso, mantenha uma mente aberta para aprender.

3. Qual é a diferença entre *Diversidade e Igualdade de oportunidades*?

Igualdade de oportunidades significa que coisas tais como: emprego, remuneração e promoção, acesso à educação e formação devem ser oferecidos a todos de forma justa, sem discriminação de sexo, raça, cor, deficiência, ou quaisquer outras características.

Diversidade significa que devemos aceitar todas as diferentes características, que cada pessoa possui, de modo que estas enriqueçam as nossas comunidades e nosso relacionamento com cada uma delas.

Cada **pessoa** é um **conjunto único de características** - por exemplo: uma pessoa pode ser um cristã, ou muçulmano, ou ateu, ou judeu, ou vegetariano, ou um trabalhador de escritório, ou gostar de esportes, ou ser do sexo feminino, ou não ser casado, ou odiar música sertaneja.

A ***diversidade*** inclui:

Respeito - para com os outros e para com os seus pontos de vista diferentes;

Tolerância - para com as diferenças de língua, estilos, crenças e comportamentos;

Flexibilidade - em situações que são novas, desafiadoras ou difíceis;

Autoconhecimento - saber o que é que você traz para uma força de trabalho diversificada, e como você reage aos próprios colegas;

Empatia – saber utilizar a própria imaginação para sentir o que a outra pessoa pode estar sentindo em determinada situação;

Paciência - como a mudança pode ser lenta, haverá situações que serão novas para você;

Humor - para manter o seu senso de perspectiva e, principalmente, de humanidade (e de gentileza).

4. O que é *estereótipo*?

Quando você **rotula** (classifica, considera) as pessoas por causa do que elas são, ou melhor: quando você faz suposições rápidas, fáceis e, em seguida, os trata de forma inadequada, você está **estereotipando** estas pessoas. E isto causa muitos problemas.

Por exemplo, muitas vezes, assumir que:

Bombeiros são do sexo masculino;

Aeromoças são do sexo feminino;

Chefs de cozinha são do sexo masculino;

A cor rosa somente deve ser usada pelo sexo feminino;

A cor azul somente deve ser usada pelo sexo masculino;

Pessoas com deficiência não são tão capazes como os demais indivíduos;

Pessoas estrangeiras não entendem a nossa cultura;

Os gays são mais sensíveis.

Nessas falas estamos **estereotipando as pessoas**. **Rotular** as pessoas é perigoso e é preciso evitar esse tipo de pré-julgamento.

5. O que é **discriminação**?

Discriminação é quando uma pessoa toma uma decisão sobre outra pessoa por causa do que ela é ou pela sua aparência, ou pelo gênero, ou pela sua religião ou por qualquer outro aspecto da sua personalidade. Isso poderia ser algo como assumir que as mulheres não são fortes o suficiente para

trabalharem na construção civil, ou supor que alguém sem qualificações universitárias carece de inteligência e não tem cultura.

6. O que é bullying?

Bullying é quando alguém é escolhido para um tratamento injusto, em determinado local (seja no trabalho, na escola – uma espécie de *bullying*) e que lhe causa sofrimento. Isso pode ser algo como uma sugestão, ou uma intimidação.

Leia mais em: <http://www.geledes.org.br/pensaram-que-eu-era-analfabeta-diz-faxineira-do-stf-que-passou-no-orgao/>

7. O que é racismo?

Independentemente de como ele se originou, qualquer tipo de **racismo** continua sendo **racismo**! A ignorância não é uma desculpa. A insegurança não é uma justificativa. Seja qual for, qualquer tipo de **racismo** deve ser terminantemente condenado.

O **racismo** é destrutivo. Ele enfraquece as pessoas desvalorizando a sua **identidade**. Ele destrói a coesão da comunidade e cria divisões na sociedade. É o oposto do princípio democrático da igualdade e do direito de todas as pessoas serem tratadas de forma justa.

Compreender a natureza do **racismo** é essencial. O **racismo** é um fenômeno global que é influenciado por uma série de fatores históricos, sociais, políticos e econômicos. Ele assume diferentes formas em diferentes contextos e, como resultado disso, ele tem sido definido de muitas maneiras diferentes.

O **racismo** é uma ideologia que dá expressão a mitos sobre outros grupos raciais e étnicos. Ideologia essa que desvaloriza e torna inferiores esses grupos e que é perpetuada por raízes históricas, sociais e culturais profundas, que geram as desigualdades de poder na sociedade.

O **racismo** é o resultado de uma complexa interação de atitudes individuais, valores sociais e práticas institucionais. É expresso nas ações de indivíduos e instituições e é promovido na ideologia da cultura popular. Ele muda a sua forma em resposta à mudança social.

O **racismo** tem as suas raízes na crença de que algumas pessoas são superiores porque pertencem a uma determinada raça, grupo étnico ou nacional. O **conceito de raça** é uma construção social, e não científica (Para uma discussão sobre o significado da palavra **raça**, consulte o **Glossário**).

As **atitudes e crenças racistas** são equívocos sobre pessoas com base em linhas raciais percebidas e, muitas vezes, fundadas no medo da diferença (incluindo as diferenças de costumes, idade, valores, religião, aparência física e formas de viver e ver o mundo). Isso também inclui as atitudes negativas para com o uso de diferentes línguas, sotaques estrangeiros ou com o uso de variações que não sejam o padrão de uma linguagem (sotaques e dialetos regionais).

As **atitudes racistas** podem se manifestar de várias maneiras, incluindo as expressões comuns de preconceito racial e as suposições estereotipadas sobre outras culturas, bem como as formas mais extremas de prejuízo, tais como a *xenofobia*. Essas crenças são reforçadas por atitudes sociais prevaletentes sobre pessoas que são vistas como **diferentes** e, muitas vezes, são um reflexo dos valores que sustentam as relações sociais e as práticas institucionais.

Estas atitudes e crenças encontram expressão em **comportamentos racistas**, tanto nas ações de indivíduos como nas políticas e práticas arraigadas das instituições. Quando estes comportamentos envolvem relações de poder desiguais entre indivíduos, ou grupos de diferentes origens culturais, as ações racistas por parte dos membros da cultura dominante têm o efeito de marginalizar pessoas oriundas de grupos minoritários.

Alguns exemplos de comportamentos racistas incluem: ridicularizar, insultar, cometer danos à propriedade, praticar bullying racial, fazer propaganda racista, difamar e agredir alguém fisicamente. Também inclui as práticas de: explorar ou excluir membros de grupos específicos de alguns aspectos da sociedade. Exemplos extremos de comportamento racista incluem a “limpeza étnica”, o **branqueamento** e o genocídio.

Um comportamento racista pode ser **direto** (aberto) ou **indireto** (dissimulado) em sua natureza.

A **discriminação racial direta** é o tratamento injusto ou desigual de uma pessoa, ou de um grupo de pessoas, por motivos raciais. Um exemplo seria um empregador que não contrata alguém com base na sua formação cultural ou linguística.

Já a **discriminação racial indireta** é aparentemente igualitária (superficialmente), mas na prática prejudica as pessoas de determinados grupos. Por exemplo, uma regra que diz que as mulheres não devem usar lenços que cubram a cabeça poderia resultar em discriminação contra estudantes cuja religião exige o uso de lenços. Ou seja, a discriminação racial indireta pode ocorrer, mesmo quando não há intenção de **discriminar**.

O **racismo institucional** descreve as formas de racismo que são estruturados em instituições políticas e sociais. Ele ocorre quando as organizações, instituições ou governos discriminam, deliberada ou indiretamente, certos grupos de pessoas para limitar os seus direitos.

Esta forma de **racismo** reflete os pressupostos culturais do grupo dominante, de modo que as práticas desse grupo são vistas como a norma à qual as outras práticas culturais devem estar em conformidade.

O **racismo institucional**, que marginaliza os outros é, muitas vezes, o mais difícil de ser reconhecido, particularmente quando é perpetrado por instituições e governos que não se veem como racistas. Quando presentes em uma variedade de contextos sociais, esta forma de **racismo** reforça a desvantagem já experimentada por alguns membros da comunidade.

Por exemplo, o **racismo** vivido pelos alunos na escola pode gerar um abandono escolar precoce e resultados educacionais inferiores. Quando aliado à **discriminação** no emprego, isso pode levar a menos oportunidades de emprego e a níveis mais elevados de desemprego, já que esses alunos tendem a deixar a escola (e, conseqüentemente, não se qualificam).

Por sua vez, os níveis de renda mais baixos aliados à discriminação no fornecimento de bens e serviços restringem o acesso à moradia, aos serviços de saúde e às oportunidades de vida em geral. Desta forma, o **racismo institucional** pode ser particularmente prejudicial para os grupos minoritários e restringir ainda mais o seu acesso aos serviços e participação na sociedade.

8. O Racismo no Brasil

No Brasil, o **racismo** está intimamente ligado à história da colonização e imigração. Os habitantes originais, os indígenas, foram despojados de suas terras e passaram a ser discriminados pelos primeiros colonos europeus. Para os indígenas esse processo de colonização foi percebido como **invasão**. A partir de então, a **discriminação racial** começou a influenciar a vida dos indígenas estabelecidos no Brasil.

A migração dos povos de todas as partes do mundo levou ao aumento da diversidade cultural e linguística da população brasileira. **Preconceito** e **discriminação** também têm sido dirigidos para muitos grupos que chegaram ao Brasil, tais como os africanos.

O Brasil se destaca como uma das maiores sociedades multirraciais do mundo e abriga um contingente significativo de descendentes de africanos dispersos na diáspora. De acordo com o censo de 2010, o percentual de pardos cresceu de 38,5% para 43,1% (82 milhões de pessoas) em 2010. A proporção de pretos também subiu de 6,2% para 7,6% (15 milhões) no mesmo período. Esse resultado também aponta que a população que se

autodeclara branca caiu de 53,7% para 47,7% (91 milhões de brasileiros). Esta mudança de cenário faz parte de uma mudança cultural que vem sendo observada desde o Censo de 1991. **O Brasil ainda é racista e discriminatório.** Mas agora existem políticas e as demandas (da população negra), a questão da exclusão, que começaram a fazer parte da agenda política.

O Censo Demográfico de 2010 apontou a grande diferença que existe no acesso a níveis de ensino pela população negra. No grupo de pessoas de 15 a 24 anos que frequentava o nível superior, 31,1% dos estudantes eram brancos, enquanto apenas 12,8% eram pretos e 13,4% pardos. A política das cotas nas universidades brasileiras é um dos caminhos mais importantes para que esses números não se repitam no próximo Censo.

Mas, ainda são os brancos continuam recebendo salários mais altos e estudando mais que os negros (pretos e pardos).

No que diz respeito à deficiência, em 2010, quase 46 milhões de brasileiros, cerca de 24% da população, declarou possuir pelo menos uma das deficiências investigadas (mental, motora, visual e auditiva). Desse número, a maioria é formada por mulheres, inclusive nos grupos de cor ou raça, onde quase 1/3 (um terço) das mulheres negras possui alguma deficiência (23,5% dos homens e 30,9% das mulheres, uma diferença de 7,4 pontos percentuais).

Várias pesquisas têm revelado **a luta da população negra pela superação do racismo ao longo da história do nosso País.** Uma trajetória que se inicia com os quilombos, os abortos, os assassinatos de senhores nos tempos da escravidão. Tudo isso tem uma ativa participação na luta abolicionista e adentra os tempos da república com as organizações políticas, as associações, a imprensa negra, entre outros. Também no período da ditadura militar várias foram as ações coletivas desencadeadas pelos negros em prol da liberdade e da democracia.

É na década de 80, no século XX, durante o processo de abertura política e redemocratização da sociedade que assistimos a uma nova forma de atuação política dos negros e negras brasileiros. Estes passaram a atuar ativamente por meio dos novos movimentos sociais, sobretudo os de **caráter identitário,**

trazendo um outro conjunto de problematização e novas formas de atuação e reivindicação política.

9. O Racismo, a Educação e as Leis 10.639/03 e 11.645

Mas os negros ainda se encontram, em sua maioria, representados de forma precária e, por vezes, subalterna, nos escalões do poder. Nas ações e lutas desenvolvidas pela população negra nos séculos XIX, XX e no decorrer do século XXI uma questão sempre atraiu a sua atenção devido ao seu papel estratégico na sociedade: **a educação**.

A **educação**, no Brasil, é um direito constitucional conforme o artigo 205 da Constituição Federal (1988). Porém, todas as pesquisas oficiais realizadas nos últimos anos apontam como o campo educacional tem produzido e reproduzido no seu interior um quadro de desigualdades raciais.

As questões como: **a discriminação do negro nos livros didáticos; a necessidade de inserção da temática racial e da História da África nos currículos; o silêncio como ritual a favor da discriminação racial na escola; as lutas e a resistência negras; a escola como instituição reprodutora do racismo e as lutas do Movimento Negro em prol da educação** começam, aos poucos, a ganhar espaço na pesquisa educacional do País, resultando em questionamentos à política educacional. Desencadeou-se um processo de pressão ao Ministério da Educação, aos gestores dos sistemas de ensino e às escolas públicas sobre o seu papel na **superação do racismo** na escola e na sociedade.

Compreendendo esse processo, é possível entender o significado genérico do art. 26 da LDB, que só foi revisto e alterado quando ocorre a sanção da Lei nº 10.639/03 (obrigatoriedade do ensino de História da África e das culturas afro-brasileiras nas escolas públicas e particulares do ensino fundamental e médio). Ou seja, até a década de 90, a luta do Movimento Negro brasileiro,

no que se refere ao acesso à **educação**, participava de um discurso diferencialista, todavia, em prol da inserção da questão racial no bojo das políticas públicas universais as quais tinham como mote: escola, educação básica e universidade para todos.

Neste, as questões da **diversidade** foram estabelecidas em uma perspectiva universalista de educação e de política educacional. O terceiro milênio traz uma inflexão em relação ao lugar da questão racial na política pública, sobretudo no campo educacional. Na 3ª Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e Formas Correlatas de Intolerância, promovida pela Organização das Nações Unidas (ONU), na cidade de Durban, na África do Sul, é feita a denúncia da *educação como um setor que contribui para a construção de um quadro de desigualdades raciais visualizada pelas primeiras associações negras e suas lutas em prol da educação dos negros no século XIX*.

Nesse contexto, o debate sobre o **direito à educação** como um componente da construção da igualdade social passou a ser interrogado pelo Movimento Negro brasileiro e é recolocado em outros moldes. O Movimento Negro traz à cena pública e demanda da política educacional a urgência da construção da *igualdade* como uma das maneiras de se garantir aos coletivos diversos - tratados historicamente como desiguais - a *concretização da igualdade*.

Uma *igualdade* para todos na sua **diversidade**, baseada no reconhecimento e no **respeito às diferenças**. A *equidade* é entendida como: “o reconhecimento e a efetivação, com igualdade, dos direitos da população, sem restringir o acesso a eles nem estigmatizar as diferenças que conformam os diversos segmentos que a compõem. Assim, *equidade* é entendida como possibilidade de as diferenças serem manifestadas e respeitadas, sem *discriminação*; condição que favoreça o combate das práticas de subordinação ou de preconceito em relação às diferenças de gênero, políticas, étnicas, religiosas, culturais, de minorias.

Ao colocar a **diversidade étnico-racial** e o **direito à educação** no campo da equidade, o Movimento Negro indaga a implementação das políticas públicas de caráter universalista e traz o debate sobre a dimensão ética da aplicação destas políticas, a urgência de programas voltados para a efetivação da

justiça social e a necessidade de políticas de ações afirmativas, que possibilitem tratamento apropriadamente desigual a indivíduos em situações sociais, étnico-raciais, de gênero, geracionais, educacionais, de saúde, moradia e emprego historicamente marcados pela exclusão, desigualdade e discriminação.

Com avanços e limites a **Lei 10.639/03** e suas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História Afro-brasileira e Africana (BRASIL, 2004) possibilitaram uma inflexão na educação brasileira. Elas fazem parte de uma modalidade de política até então pouco adotada pelo Estado brasileiro e pelo próprio MEC. São políticas de ações afirmativas voltadas para a valorização da **identidade**, da **memória** e da **cultura negras** reivindicadas pelo Movimento Negro e demais movimentos sociais partícipes da luta antirracista. O desencadeamento desse processo não significa o seu completo enraizamento na prática das escolas da educação básica, na educação superior e nos processos de formação inicial e continuada de professores (as). A Lei e as diretrizes entram em confronto com as práticas e com o imaginário racial presentes na estrutura e no funcionamento da educação brasileira, tais como o **mito da democracia racial**, o **racismo** ambíguo, a ideologia do **branqueamento** e a naturalização das **desigualdades raciais**.

Essa lei foi alterada pela **Lei 11.645** de 10 de março de 2008, passando a incorporar, também, a *história e cultura dos povos indígenas*.

A Lei **10.639/03** e suas diretrizes precisam ser compreendidas dentro do complexo campo das relações raciais brasileiras sobre o qual incidem. Isso significa ir além da adoção de programas e projetos específicos voltados para a diversidade étnico-racial realizados de forma aleatória e descontínua. Implica a inserção da questão racial nas metas educacionais do País, no Plano Nacional da Educação, nos planos estaduais e municipais, na gestão da escola e nas práticas pedagógicas e curriculares de forma mais contundente.

10. Muito além do Racismo. A questão da reinvenção do brasileiro

A sociedade brasileira se tornou mais **diversificada** com a imigração contínua de pessoas de vários países (japoneses, italianos, haitianos, espanhóis, moçambicanos, sírios, libaneses, chineses, colombianos, bolivianos, etc.). Deste modo, as manifestações racistas na cultura popular brasileira se transformaram, ao longo do tempo. As linguagens e as atitudes, que eram comuns no final do século XIX racista, já não são aceitáveis hoje em dia. No entanto, o **racismo** continua a encontrar expressão em novas formas, reforçadas através da mídia popular. Uma dessas formas seria a **reinvenção da cultura alemã**, no interior de Santa Catarina, nos anos 1990.

As expressões contemporâneas de **racismo**, que surgiram nos últimos anos, se relacionam com noções de nacionalidade, que são vistas como incompatíveis com a **diversidade**. Estas crenças racistas podem ser expressas em várias visões estereotipadas sobre **quem são os verdadeiros brasileiros**. Esta forma de **racismo** é baseada numa ideologia da cultura nacional, em que as culturas minoritárias são consideradas como alienígenas e uma ameaça para a coesão social. Ela consiste em pressupostos culturais invasivos, onde os costumes e crenças do grupo dominante na sociedade são apresentadas como sendo **a norma**.

Como resultado, o estado e o comportamento dos grupos minoritários, especialmente aqueles que são mais visivelmente diferentes, por exemplo, os negros e os indígenas, são definidos e julgados com respeito ao grupo dominante, de descendência europeia, no caso do Estado de Santa Catarina.

Essas atitudes são amplamente discutidas na mídia, onde são apresentadas como razoável e de bom senso e consignados por meio de imagens de mídia que *não retratam com precisão a diversidade cultural do Brasil*. Desta forma, as **ideologias racistas** são expressas e reforçada por um processo de interação do grupo e, assim, absorvidas na cultura popular.

As crenças racistas também estão no cerne do ressentimento expresso por algumas pessoas. Infelizmente, algumas medidas tomadas pelos governos, para lidar com as desvantagens de determinados grupos de pessoas, medidas essas afirmativas e de **discriminação positiva**, são frequentemente vistas como um tratamento preferencial de um grupo em detrimento de outro, em vez de serem meios de corrigirem tal desvantagem.

Exemplos disso incluem a oposição ao direito à terra dos indígenas, que apela para a supressão de benefícios especiais para determinados grupos. Essas crenças são agravadas pela noção de que o tratamento de todas as pessoas da mesma forma equivale à igualdade e justiça social, quando, na verdade, nem todo mundo começa a vida com as mesmas oportunidades.

Esse ressentimento muitas vezes encontra expressão na crença de que o **racismo reverso** esteja ocorrendo.

A noção de **racismo reverso** significa que: **as pessoas da cultura dominante estão sendo discriminadas por não estarem recebendo os mesmos benefícios que as pessoas pertencentes a grupos minoritários**. Mas isso é um absurdo e não pode ser perpetuado. A nível individual, todos os grupos étnicos ou culturais são capazes de tanto discriminar outros grupos e de serem discriminados, embora os grupos minoritários sejam os mais propensos a sofrerem de **racismo institucional**.

A questão racial afeta a todos. O **racismo** prejudica as comunidades, limitando as contribuições dos seus membros e interrompendo a coexistência pacífica e a cooperação entre os grupos. Ele prejudica os indivíduos por destruírem sua autoconfiança e lhes impedir de alcançar o seu potencial. Ele é particularmente prejudicial para as crianças, uma vez que dificulta o desenvolvimento social e limita as oportunidades educacionais.

As consequências do **racismo**? A injustiça social, uma economia menos produtiva e uma comunidade dividida - são claramente prejudiciais, não somente para suas vítimas, mas para a sociedade como um todo.

11. O Racismo e as leis punitivas no Brasil

As leis brasileiras tornam ilegal para as pessoas se envolverem em **atividades racistas**, seja para incentivarem, incitarem ou permitirem atos racistas de ocorrer e são destinadas a protegerem as pessoas que reclamam sobre o

12. Vamos refletir...

Algumas pessoas acreditam, erroneamente, que a expressão pública de atitudes racistas é uma forma legal e aceitável de **liberdade de expressão**. No Brasil, e em nível internacional, o **direito à liberdade de expressão** traz consigo certas responsabilidades, e restrições, que protegem os direitos de terceiros contra a **hostilidade** e a **discriminação**. A lei brasileira proíbe expressamente a incitação à discriminação, à hostilidade ou à violência com base na **raça**. racismo.

Foi criada há exatos 27 anos a Lei 7.716, que define os crimes resultantes de preconceito racial. A legislação determina a pena de reclusão a quem tenha cometido atos de discriminação ou preconceito de: raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional. Com a sanção, a lei regulamentou o trecho da Constituição Federal que torna inafiançável e imprescritível o crime de racismo, após dizer que todos são iguais sem discriminação de qualquer natureza.

A lei ficou conhecida como Caó, em homenagem ao seu autor, o deputado Carlos Alberto de Oliveira. A partir de 5 de janeiro de 1989, quem impedir o acesso de pessoas devidamente habilitadas para cargos no serviço público ou recusar a contratar trabalhadores em empresas privadas por discriminação deve ficar preso de dois a cinco anos.

É determinada também a pena de quem, de modo discriminatório, recusa o acesso a estabelecimentos comerciais (de um a três anos); impede que

crianças se matriculem em escolas (de três a cinco anos); e que cidadãos negros entrem em restaurantes, bares ou edifícios públicos ou utilizem transporte público (de um a três anos). Os funcionários públicos, tratado na lei, que cometerem racismo, podem perder o cargo. Trabalhadores de empresas privadas estão sujeitos a suspensão de até três meses. As pessoas que incitarem a discriminação e o preconceito também podem ser punidas, de acordo com a lei.

Outras legislações importantes na luta contra o preconceito racial foram criadas, como o Estatuto da Igualdade Racial (2010) –, e a Lei de Cotas (2012), que determina que o número de negros e indígenas de instituições de ensino seja proporcional ao do Estado onde a universidade está instalada.

Existem muitas formas denunciar o racismo. É possível prestar queixa nas delegacias comuns e especializadas em crimes raciais, presentes em algumas capitais --em São Paulo, por exemplo, há a Delegacia de Crimes Raciais e Delitos de Intolerância. Algumas unidades da federação também contam com disque-denúncias específicos para o crime de racismo, como o disque 124, no Distrito Federal.

No caso de atos de racismo ocorridos em sites de internet ou redes sociais, é possível comunicar as autoridades diretamente pela rede:

<http://denuncia.pf.gov.br/>

<http://new.safernet.org.br/denuncie>

<http://cidadao.mpf.mp.br/>

Fonte: Portal Brasil, Agência Brasil, MPF e CNJ.

A legislação brasileira relativa à discriminação racial abrange muitos aspectos do comportamento racista, mas nem todas as formas de **racismo**. Embora a legislação torne o **racismo** ilegal, em vários contextos, a legislação não pode resolver os problemas sociais subjacentes. A **educação** em conjunto com uma legislação eficaz, fornece a melhor esperança para o desenvolvimento de uma **sociedade livre de racismo**.

Compreender e valorizar a diversidade cultural são as chaves para combater o **racismo**. Todos os indivíduos devem se sentir livres para explorar a singularidade de sua cultura e identidade. E devem, além do mais, compreenderem que **existe diversidade cultural** no mundo que os cerca. Não aceitar que existe uma expressão cultural significa limitar a expressão de perspectivas únicas sobre a vida e a transmissão de conhecimentos de geração para geração.

12.1 A Cultura e a língua

A **cultura** é uma característica definidora da **identidade** de cada pessoa, contribuindo para a forma como elas se veem e os grupos com os quais se identificam. A **cultura** pode ser amplamente definida como: **a soma total de modos de vida construídas por um grupo de seres humanos, que é transmitida de uma geração para a outra**. Cada comunidade, grupo cultural ou grupo étnico tem seus próprios valores, crenças e modos de vida.

Os aspectos observáveis da cultura, tais como: alimentos, roupas, festas, religião e língua são apenas uma parte da herança cultural de uma pessoa. Os valores compartilhados, tais como: os costumes e as histórias características da forma de cultura, a maneira como uma pessoa pensa, se comporta e vê o mundo. A herança cultural comum une os membros do grupo em conjunto e cria um **sentimento de pertencimento** através da **aceitação da comunidade**.

A **linguagem** é intrínseca à expressão da cultura. Ela é como um meio de se comunicar: valores, crenças e costumes, que tem uma importante função social e promove sentimentos de **identidade de grupo** e de **solidariedade**. É o meio pelo qual a cultura e as suas tradições e valores compartilhados podem ser transmitidos e preservados.

A **diversidade cultural e linguística** é uma característica da maioria das nações de hoje em dia, enquanto pessoas de diferentes grupos vivem juntas como uma consequência de acontecimentos históricos e das migrações humanas. Dentro das **sociedades multilíngues**, a manutenção das línguas dos

diversos grupos étnicos e culturais é fundamental para a **preservação do patrimônio** e da **identidade cultural**. *A perda da linguagem, da oralidade significa a perda da cultura e da identidade.*

Em muitas sociedades, ao longo da história, a supressão das línguas dos grupos minoritários tem sido usada como uma política deliberada, a fim de suprimir tais culturas minoritárias. Como resultado, muitas línguas do mundo perderam-se com os processos de colonização e imigração.

12.2 A Diversidade cultural e linguística do Brasil

O Brasil é um dos países mais multiculturais e linguisticamente diversificados do mundo. Esta **diversidade** foi incorporada das sociedades indígenas e tem sido ampliada ao longo dos últimos quinhentos anos, com a chegada de pessoas e de culturas distintas (principalmente a africana) e de todo o mundo.

Enquanto o Português é a língua dominante, muitas pessoas falam uma língua diferente do Português como sua primeira língua dentro de suas famílias e comunidades. Muitos outros idiomas, além do Português, são falados no Brasil atualmente. Hoje, mais de 150 línguas e dialetos são falados pelos povos indígenas no Brasil.

Antes da chegada dos portugueses, contudo, só no Brasil esse número devia ser próximo de mil. Em grande parte do Brasil continua havendo a perda de um grande número de línguas indígenas. Uma triste notícia, uma vez que isso significa que, para muitos índios, sua língua original é um marcador específico de **identidade**.

Por exemplo, o tupi-guarani é o meio de comunicação entre o povo indígena de determinado grupo linguístico. Para o povo indígena kaingang, sua **língua kaingang** pertence à família jê do tronco macro-jê. A língua dos Kaingang atuais tem cinco dialetos: (1) de São Paulo (SP), entre os rios Tietê e Paranapanema; (2) do Paraná (PR), entre os rios Paranapanema e Iguaçu; (3) Dialeto Central (C), entre os rios Iguaçu e Uruguai, Estado de Santa Catarina;

(4) Dialeto Sudoeste (SO), ao sul do rio Uruguai e a oeste do rio Passo Fundo, Estado do Rio Grande do Sul; e (5) o Dialeto Sudeste (SE), ao sul do rio Uruguai e leste do rio Passo Fundo. Sendo que os dialetos se diferenciam em várias partes de sua estrutura, cujas diferenças mais evidentes são as fonológicas.

A manutenção da primeira língua de uma comunidade é também uma questão importante para muitas pessoas que pertencem a diversas comunidades étnicas, cujos membros, ou seus ancestrais, migraram para o Brasil. A utilização das línguas comunitárias é importante, tanto para a identidade individual como para o grupo e para a comunicação através das gerações. Em um mundo cada vez mais globalizado, as competências linguísticas fortalecem os laços internacionais e promovem o intercâmbio cultural.

12.3 Identidade e comunidade

O senso de identidade de um indivíduo é baseado em **sua identidade cultural**. A concepção de uma pessoa, da sua própria identidade cultural, e da dos outros, é desenvolvida desde o nascimento e é moldada pelos valores e atitudes predominantes em casa e na comunidade em que ela está inserida. Essa **identidade** torna-se mais complexa e fluida na medida em que as pessoas desenvolvem alianças com diferentes grupos dentro da sociedade mais ampla.

Ao mesmo tempo, as próprias culturas não são estáticas, mas desenvolvem-se e se transformam na medida em que os sistemas de crenças e modos de vida dos diferentes grupos se adaptam sob outras influências culturais, incluindo os meios de comunicação e cultura popular para criarem novas identidades.

Em uma sociedade culturalmente diversificada como a do Brasil, os indivíduos podem ter várias identidades, através da identificação com várias diferentes subculturas. Estas identidades podem incluir uma identidade

baseada na herança cultural, familiar ou no lugar de nascimento; religiosa ou de identidade social; e identidade como membros da sociedade brasileira.

*A constatação de que **existem muitas identidades brasileiras** reforça a necessidade de compreensão mútua para alcançar uma comunidade livre de **racismo**.*

A compreensão de como a **História moldou o nosso relacionamento** uns com os outros e o **respeito** pela cultura de cada um são os principais componentes do processo de reconciliação.

A **política de multiculturalismo** é igualmente vital no sonho de ver uma nação brasileira unida. Ele reconhece e valoriza a diversidade cultural e linguística do Brasil e aceita e respeita o direito de todos os brasileiros de expressar e partilhar do seu património cultural individual dentro de um compromisso primordial para o Brasil.

A desconfiança e o medo **da diferença**, que muitas vezes resultam do isolamento de outras culturas podem ser superados por promoverem a compreensão cultural, destacando os interesses comuns que todos os brasileiros compartilham. Trabalhando em conjunto, os brasileiros podem alcançar uma sociedade mais igual e mais justa, que respeita e valoriza a sua **diversidade**.

13. Mas, ainda existe racismo no Brasil?

O **racismo** está presente nas escolas brasileiras.

Leia mais em : <http://www.ceert.org.br/noticias/mercado-de-trabalho-comercio-servicos/9136/as-diversas-faces-do-racismo-no-brasil-e-caminhos-para-sua-superacao>

E em: <http://www.ceert.org.br/noticias/direitos-humanos/10971/nao-e-ideologia-de-genero-e-educacao-e-deve-ser-discutido-nas-escolas-diz-pesquisadora>

O **racismo direto** pode ser visto em casos de **abuso racista, bullying e discriminação**. O **racismo** também se manifesta indiretamente, na forma de **atitudes preconceituosas, na falta de reconhecimento da diversidade cultural e das práticas culturalmente enviesadas**.

Uma experiência comumente relatada é a de que o **racismo** nas escolas, muitas vezes, não é reconhecido ou abordado pelos professores, ou pelas outras autoridades que têm a responsabilidade de o denunciarem. Parece que aqueles que não experimentam do **racismo**, em si mesmos, não querem reconhecê-lo e o tratam como um caso comum, trivial. Tais autoridades não querem enxergar o seu potencial de dano. O perigo se instala quando as atitudes e os comportamentos racistas são autorizados pelo silêncio daqueles que deveriam **falar contra o racismo**. Tais pessoas propiciam, numa escola, um clima que vê tais ações racistas como normais, permitindo que o **racismo** se enraíze cada vez mais.

Se os pais observarem que eles, ou seus filhos, foram discriminados, eles podem apresentar uma **denúncia de racismo contra a escola, contra os professores (individualmente) ou contra o sistema de ensino**.

O fato de poucas queixas serem recebidas na área da educação, a cada ano, não significa que haja uma baixa incidência de atividades racistas. O conhecimento limitado da legislação, o medo ou a falta de vontade por parte das crianças, no que se refere aos incidentes racistas, ou a relutância por parte dos pais para buscarem uma reparação judicial são fatores que podem impedir a propositura de reclamações formais. Além disso, as medidas formais de queixas de discriminação racial nem sempre são adequadas, com a mediação de uma alternativa apaziguadora dos ânimos.

A pesquisa de uma variedade de fontes, incluindo os relatórios de educação e estudos independentes, fornecem informações sobre a natureza e a extensão do **racismo** nas escolas brasileiras. A evidência demonstra que, para muitos estudantes e professores, o **racismo** é parte da vida diária.

13.1 Sobre o abuso racista e o bullying

Os tipos de incidentes racistas, mais comumente relatados na escola são: xingamentos, provocações, exclusão (rejeição), abuso verbal e bullying moral.

Muitos estudantes e pais de comunidades étnicas relataram o **bullying racial** e **abuso verbal** dentro de escolas, faculdades e universidades. O **bullying** dirigido a estudantes foi feito, principalmente, por outros estudantes, mas também foi relatado que, por vezes, os professores ou falharam em intervir adequadamente em situações de bullying racista, ou instigaram o bullying por não saberem lidar adequadamente com discussões em sala de aula.

Muitos pais, cujos filhos sofreram com o **racismo** (incluídos aqui: xingamentos, provocações, bullying, provocação de luta por outros estudantes) não têm palavras para descrever como o **racismo** é sentido pelas crianças e adolescentes. Ou seja: todo mundo lida com isso de forma diferente. Algumas pessoas podem atacar o outro verbalmente; outros guardam este sentimento dentro de si mesmos. Algumas pessoas podem falar abertamente sobre como se sentem; enquanto outras se escondem.

A pergunta é: **como as crianças que sofrem racismo conseguem aprender nas salas de aula racistas?** Como é que uma criança poderá atingir o seu pleno potencial e exercer os seus direitos, enquanto cidadã brasileira, quando ela recebe mensagens, todos os dias, de que ela é um ser humano “inútil”?

Leia mais em: <http://www.ceert.org.br/noticias/direitos-humanos/10894/nafaculdade-o-negro-nao-se-ve-representado-dentro-da-sala-de-aula-diz-estudante>

13.2 E se isso acontecesse com o seu filho ou filha? Ou com a sua mãe, amiga ou irmã? Como você reagiria?

Vamos aos exemplos fictícios, mas que podem ilustrar a realidade:

1. Rebeca é uma aluna do 6º. Ano (de 13 anos), que está sendo provocada e ameaçada com violência, por parte de crianças na escola, pelo fato de possuir um tom de pele negra. Ela e sua família acabaram de chegar de Maputo, Moçambique. Ela disse que a provocação também ocorre fora da escola, por parte de seus vizinhos adultos, assim como das crianças. Ela e sua família moram em Curitiba;
2. Cauã (de 14 anos), indígena da comunidade guarani de Biguaçu, SC, relata que é muitas vezes assediado pelos seus colegas por ter a pele avermelhada. Ele não tem amigos e muitas vezes se sente mal sobre si mesmo quando os outros o inferiorizam, xingando-o de “lixo”.
3. Carlos (de 12 anos) é constantemente intimidado por sua origem boliviana. Seu irmão Ramirez também é assediado. Na escola, os estudantes envolvidos no xingamento foram aconselhados a parar, receberam suspensão e os seus pais foram advertidos. No entanto, os pais desses mesmos alunos também assediam o povo boliviano, vizinhos na periferia paulistana da manufatura têxtil.
4. Anônimo (de 12 anos): “Na escola as outras crianças me identificam como "turco sangrento", "Kaddafi", ou "árabe, louco". A verdade é que a minha família é muçulmana e utilizamos roupas que cobrem o corpo e a cabeça. Só isso!
5. K. -Caso real- (11 anos) A menina, iniciada no Candomblé há cerca de 4 meses, seguia com parentes e irmãos de santo para um centro espiritualista na Vila da Penha, RJ, quando foi atingida na cabeça por uma pedra, atirada, segundo testemunhas, por um grupo de evangélicos. Ainda segundo os relatos, momentos antes, eles xingaram os adeptos da religião de matriz africana. Fonte:
<http://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2015-06-16/intolerancia-religiosa-leva-menina-a-ser-apedrejada-na-cabeca.html>

Ou seja, é evidente que existe **racismo**, um **racismo que oprime** os estudantes que falam num idioma diferente do Português, que vem de países

da África, ou do Haiti ou pertencem a religiões diferentes e frequentam escolas.

Alguns exemplos de **comportamentos racistas**, dentro da escola, incluem:

- Xingamentos de alunos e intimidação;
- Apelidos culturalmente enviesados;
- Preconceito para com o apoio (amparado por legislação), dado aos alunos (negros, indígenas) que possuem cotas raciais nas universidades; leia mais em: <http://www.geledes.org.br/cotas-sao-uma-conquista-do-povo-brasileiro/>
- Preconceito para com os alunos que não falam o Português do Brasil;
- Preconceito para com os alunos que professam religiões de matriz africanas;
- Xingamento, seguido de ostracismo (misturado com rejeição) de alunos, por outros alunos, em que os orientam para que “ retornem à sua pátria”, “retornem para a África”, “vão embora do ‘nosso’ País”;
- Comentários racistas feitos e pensados para serem engraçados;
- Brigas ocasionais desencadeadas por opiniões racistas ou insultos a alunos que se recusam a trabalhar em equipe com alunos diferentes de sua raça.
- Preconceito para com alunos idosos;
- Preconceito de gênero.

Tudo isso ainda mostra que a provocação, a intimidação e o bullying são comuns nas escolas brasileiras e que os alunos (os que mais sofrem com isso), muitas vezes se sentem impotentes para fazer qualquer coisa sobre o assunto, apesar de existirem leis para lhes apoiarem contra o **racismo** sofrido.

Muitas evidências também indicam que os professores e os outros funcionários da escola, particularmente aqueles que são de etnias indígenas

ou negros, também experimentam do **racismo** nas escolas. Isto também pode assumir a forma de bullying, abuso ou a nomeação de estereótipos racistas por parte de alunos e colegas.

Aqui, um depoimento fictício, de uma professora, que um dia descreveu as dificuldades sentidas por professores experientes em um ambiente racista:

Quando comecei a ensinar aqui, há cerca de seis anos atrás, eu costumava voltar para casa em lágrimas, quase todas as noites, por causa dos insultos racistas das crianças. Agora eu choro menos. Eu não posso manter a minha identidade cultural e ensinar nesta escola. Eu tenho que tentar mudar isso tudo e me adaptar a esse ambiente.

A minha própria cultura, da qual tenho muito orgulho, por enquanto deixou de existir para mim. Se eu mantiver a minha cultura, serei considerada menos que um ser humano aqui. Eu aprendi que tudo isso é difícil, e pelo menos tento não me magoar com o que eles (os estudantes) falam.

O meu intuito é que eles aprendam, por isso, eu não posso me dar ao luxo de deixá-los perceber como os seus comentários racistas me machucam a alma, todos os dias.

Provavelmente esta seja a história de milhares de professores, espalhados pelo mundo inteiro. Perceber o comportamento racista dentro da escola torna difícil, para qualquer professor, implementar e manter uma aula eficaz dentro da sala.

Leia mais em: <http://www.ceert.org.br/noticias/direitos-humanos/8510/professora-vitima-de-racismo-leva-debate-sobre-direitos-para-sala-de-aula>

Muitos professores também relatam como percebem a discriminação no emprego e a perda de oportunidades de crescimento profissional devida às atitudes preconceituosas em relação à competência linguística, ao ensino de habilidades ou em relação às qualificações adquiridas no exterior.

14. O Racismo e a violência

A violência associada ao racismo ocorre nas escolas brasileiras, sim!

E isso é parte do bullying racista ou a retaliação a ele. Essa violência pode assumir diferentes formas, que vão desde o empurra-empurra, os danos materiais e as brigas entre os alunos, individualmente, chegando até às agressões físicas graves e a ataques engendrados por gangues racistas.

Leia mais: <http://www.ceert.org.br/noticias/educacao/10955/construcao-da-identidade-da-crianca-negra-em-meio-as-relacoes-de-racismo-na-escola>

Aqui, uma notícia de um grupo de judeus, que foi agredido por um grupo de neonazistas, no Brasil:

<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2014/05/ameaca-do-neonazismo-persiste-no-rio-grande-do-sul-4489699.html>

Devido ao fato de as escolas geralmente considerarem a violência como algo mais grave do que o *bullying* ou os xingamentos; as sanções automáticas, tais como a suspensão, podem ser aplicadas contra os estudantes que usam a violência em resposta ao **racismo**. Se as escolas não investigarem a causa do **comportamento violento**, o resultado pode ser que os alunos que estiverem sendo assediados podem acabar sendo mais severamente punidos do que os agressores racistas. Isso provoca o efeito contrário de **reforçar o comportamento racista** por aparentemente **recompensar os agressores e punir as vítimas**.

O fato de muitos negros e indígenas serem confrontados com a discriminação racial, em quase todos os aspectos da sua vida diária, é a razão subjacente para os altos níveis de violência racista. Leia a notícia a seguir a respeito deste racismo:

<http://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2016/03/estudantes-indigenas-fazem-protesto-contra-racismo-na-reitoria-da-ufrr.html>

O **racismo** é um dos fatores que mais contribui com a violência, dentro das escolas e universidades. Isso, provavelmente, é o resultado de **atitudes racistas** da comunidade num sentido mais amplo.

Outro exemplo:

<http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2015/05/06/jornalista-e-alvo-de-ataques-racistas-no-facebook.htm>

Neste caso, a jornalista do Distrito Federal Cristiane Damacena foi alvo de uma série de ataques racistas no Facebook, após trocar a foto do seu perfil, no dia 24 de abril de 2015. Os comentários começaram a aparecer alguns dias depois e foram permeados com termos como: "macaca", "escrava", "sorriso de m..." e "modelo de senzala, só se for". Esta mulher foi alvo de **abuso verbal**.

As evidências indicam que a **violência do abuso verbal**, associada ao racismo, procede de jovens mais propensos a serem influenciados pelas discussões em casa e pelo **ódio racial**.

Aqui, uma excelente reportagem de como se pode ensinar crianças pequenas, através da escolha de desenhos adequados pelos pais, a não desenvolverem atitudes racistas: <http://www.ceert.org.br/noticias/crianca-adolescente/6478/10-desenhos-infantis-inteligentes-e-que-promovem-a-igualdade>

Por outro lado, a violência ocorre frequentemente em retaliação aos insultos racistas, quando as vítimas lutam contra os seus algozes. Esta questão é de importância crítica para estudantes negros e indígenas, que relatam que se envolvem nas brigas como resultado de insultos racistas. E, como consequência, isso faz com que sejam expulsos.

O relatório da ONU, de 14/03/2016, afirma que: “apesar de 20 anos de iniciativas para reduzir a disparidade vivida pelos negros na sociedade brasileira, o País ‘fracassou’ em mudar a realidade de discriminação e da pobreza que afeta essa parcela da população”. Um dos aspectos tratados pela ONU é o impacto da violência nessa parcela da população.

Lamentavelmente, a violência tem uma clara dimensão racial. Dos 56 mil

homicídios no Brasil por ano, 30 mil envolveram pessoas de 15 a 29 anos. Desses, 77% eram garotos negros.

Segundo o levantamento da ONU, “os números de afro-brasileiros que morreram como resultados de operações policiais em São Paulo são três vezes superiores do que é registrado com a população branca. No Rio de Janeiro, 80% das vítimas de homicídios, resultante de intervenções policiais, são negros”. "Os movimentos sociais já chamam a situação de genocídio da juventude negra".

Fonte: <http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2016/03/14/politicas-de-igualdade-racial-fracassaram-no-brasil-afirma-onu.htm>

Se a criança sente que a escola não está reconhecendo as suas necessidades ou direitos em uma situação de **bullying racial**, ela pode recorrer à **violência** como uma forma de lidar com a situação. Os incidentes de **violência racista**, que são inadequadamente tratados, apenas confirmam as percepções de alguns alunos e seus pais de que as escolas são instituições racistas.

14.1 O Caráter dos alunos

A Escola desempenha um papel importante em influenciar na **formação do caráter** dos estudantes e de suas visões de mundo. Os professores precisam ajudar os alunos a desenvolverem a compreensão e o respeito pelas diferenças culturais; se quiserem ser bem-sucedidos na luta contra o **racismo** no seio da comunidade escolar e na preparação de estudantes para participar integralmente da sociedade.

O caráter dos alunos, quando aprendem sobre **diversidade cultural** dentro das salas de aula muda completamente. Entre alguns estudantes existe um compromisso no que diz respeito ao **multiculturalismo** e à uma compreensão da **diversidade cultural**. Outros estudantes temem as diferenças e têm **preconceito** para com as pessoas de diferentes origens culturais.

Leia mais em: <http://www.ceert.org.br/noticias/educacao/1692/livro-apresenta-acoes-para-promocao-da-diversidade-racial-na-educacao-infantil>

A maneira como as crianças brasileiras constroem suas ideias acerca das diferenças **raciais**, e como essas ideias são socialmente organizadas, advém das mensagens que recebem de seus amigos, dos pais, da comunidade em geral, e elas não permanecem como recipientes passivos desta informação.

As crianças que crescem no Brasil estão expostas a imagens contraditórias de relações de "**raça**". Por um lado, elas são ensinadas a comemorar o fato de que o **Brasil** é um **País multicultural**, que valoriza os princípios da tolerância cultural e a harmonia intercultural. Por outro lado, eles são expostos a imagens de indígenas brasileiros, negros e outros grupos minoritários que retratam esses grupos como objetos de preocupação paternalista ou como estrangeiros, cuja presença ameaça a identidade cultural e o bem-estar econômico da comunidade majoritária.

O desenvolvimento das crenças e do caráter é um processo complexo. O caráter dos estudantes é fortemente influenciado por suas famílias e colegas, bem como pelos valores e ideias da cultura popular promovida através da mídia. O papel da escola também é crítico, tanto através da definição formal da sala de aula, como das interações dentro da comunidade escolar.

A escolaridade, para a maioria das crianças indígenas e seus pais, continua a ser culturalmente alienígena. A maioria dos professores e alunos não-indígenas têm pouco conhecimento ou compreensão da vida doméstica das crianças e das diferentes culturas indígenas. E esta falta de compreensão é refletida em suas interações com eles.

Observemos como a questão da elaboração e qualidade do material didático indígena é algo relevante: <http://www.ceert.org.br/noticias/direitos-humanos/11317/os-desafios-da-educacao-indigena-no-brasil>

Ou seja: a falta de compreensão cultural por parte dos professores/elaboradores de material didático apropriado ainda é fato cercado de um grande abismo: nas expectativas entre a cultura indígena e a escola.

Muitas evidências mostram que, para além da **falta de uma compreensão intercultural**, alguns professores ainda são culpados de **racismo direto**.

Mas existe uma preocupação em descolonizar este tipo de educação:

<http://www.cimi.org.br/pub/MS/escolas/ManifestoEduca.pdf>

Alguns exemplos de comportamentos racistas por parte dos professores incluem:

- Contar piadas que desvalorizem determinados grupos culturais ou étnicos;
- Rotular estudantes de determinados grupos étnicos ou culturais (de forma que eles sejam percebidos de acordo com **estereótipos**, e não como **indivíduos**), o que justifica dar menos auxílio e atenção aos estudantes de determinados grupos culturais do que a outros;
- Fazer comentários humilhantes sobre determinados grupos culturais ou étnicos;
- Incentivar os estudantes de determinados grupos étnicos a abandonarem a escola, porque os professores acreditam que eles têm pouca esperança de êxito escolar, com base numa **visão estereotipada** acerca desse grupo; leia mais em:
<http://www.ceert.org.br/noticias/historia-cultura-arte/3406/exposicao-busca-desmistificar-a-visao-sobre-os-indios>
- Cometer abuso racial e difamação;
- Fazer comentários negativos sobre suas famílias e os seus comportamentos com base no conceito de raça;
- Fazer com que alguns indivíduos se sintam pessoalmente culpados por receberem dinheiro extra (como a ajuda do governo) e benefícios especiais (cota racial).

Os professores têm a responsabilidade de assegurar que o seu próprio comportamento não seja racista, e também devem assegurar que os recursos de ensino e de sala de aula promova discussões, mas **não perpetuem mitos racistas e estereótipos culturais**. Os professores também devem ter altas

expectativas de todos os alunos, independentemente de sua origem cultural ou linguística. Leia mais em:

<http://www.ceert.org.br/noticias/educacao/7053/6-atitudes-que-nao-promovem-a-igualdade-etnico-racial-dentro-da-escola>

O desenvolvimento de uma cultura escolar tem de **valorizar a diversidade cultural**. Tudo isso é importante para assegurar relacionamentos saudáveis e um ambiente propício à aprendizagem. Os programas educacionais, que são baseados no pressuposto de que as práticas culturais do grupo dominante na sociedade são a melhor e única maneira de se trabalhar, na verdade marginalizam os estudantes de grupos minoritários e diminuem a sua participação e os resultados da escolaridade.

As questões de **identidade** são críticas para os alunos. Eles precisam ser capazes de afirmar suas próprias identidades culturais, e grupais, e explorar as suas identidades como membros da sociedade brasileira. O programa de ensino deve refletir a **diversidade** da cultura brasileira, com o intuito de garantir que todos os alunos possam ter a sensação de **pertencimento**. Os professores precisam ser capazes de construir sobre as habilidades culturais que os alunos trazem para a sala de aula. Leia mais em:

<http://www.ceert.org.br/noticias/educacao/6416/como-iniciar-praticas-educomunicadoras-na-escola>

Para muitos estudantes indígenas, as diferenças entre a **cultura** e as expectativas da casa e da escola, combinadas com a experiência do **racismo**, podem resultar em um ciclo de resistência e de insucesso escolar. Pode ser que, em alguns anos, muitos dos alunos indígenas sintam que a escolaridade não seja algo relevante, e que eles foram incessantemente submetidos a um tratamento racista e a sua resposta, provavelmente, seja a da evasão escolar e do abandono.

Leia mais em: <http://www.geledes.org.br/ensino-da-cultura-afro-brasileira-nas-escolas-iria-salvar-o-brasil-do-racismo/>

O papel da escola no apoio a estes alunos no desenvolvimento de um senso de **identidade** é, portanto, muito relevante.

Para muitos jovens indígenas a escola pode se tornar num fator crítico em sua busca de **identidade**. Se eles se sentirem aceitos em suas escolas, eles terão uma chance muito maior de desenvolverem uma forte **identidade cultural**. Se a escola for, apenas, um outro local de pressão e estresse, muitas vezes pode ser descartada como irrelevante e sem a possibilidade de retorno.

Embora seja importante que os professores enxerguem a importância da **diversidade cultural** dentro de suas salas de aula, é igualmente importante que os professores evitem fazer suposições culturais com base em **estereótipos** de grupos particulares.

Muitos professores, por outro lado, possuidores de um desejo profundo de incluírem todos os alunos podem, inadvertidamente, reforçar pontos de vista arraigados de grupos étnicos minoritários. Como, por exemplo, exibir as diferenças multiculturais. Ou seja: ao invés de pesquisar a grande diversidade que existe em qualquer sociedade, os membros individuais de diferentes grupos étnicos são representados com saias de estopa, ocas, armados com lanças, pintados com urucum, portando arcos e flechas, e assim por diante.

O perigo de um **estereótipo étnico** é o fato de ele esconder que existe, sim, uma diversidade cultural, e que ela é fundamental para a construção de um clima de respeito e cooperação entre os alunos. Num ambiente em que não existem tensões raciais, os alunos podem se misturar uns com os outros.

14.2 O Relacionamento com a comunidade escolar

O relacionamento com a comunidade escolar ficará prejudicado se a escola for percebida como racista ou que exclui a participação de grupos de origens culturais e linguisticamente diversos. Os pais e os membros de tais comunidades podem não estar dispostos a apoiar as atividades escolares e não terão confiança no sistema de ensino. O nível de envolvimento dos pais e dos responsáveis, de diversas origens culturais em atividades escolares, também é frequentemente afetado pela disponibilidade e vontade pessoal

de apoiar as suas necessidades. Normalmente, as escolas que oferecem maiores níveis de apoio obtêm mais sucesso em atrair o envolvimento dos pais e da comunidade.

Todas as pessoas que compõem uma comunidade escolar têm interesse em eliminar o **racismo** do ambiente de aprendizagem e se preocupam em desenvolver um clima que facilite o sucesso escolar. As escolas que não conseguem fazê-lo, abandonam não somente as suas comunidades, mas os alunos que mais necessitam de apoio.

15. Os efeitos do racismo nas escolas

O **racismo** nas escolas e universidades tem efeitos prejudiciais, tanto nas pessoas como na aprendizagem e no ambiente de trabalho. O **racismo** gera tensões no seio das comunidades escolares que distorcem a compreensão cultural e o oprimem quanto ao fato de os alunos não terem uma excelente experiência educacional.

Leia mais em: <http://www.geledes.org.br/ha-muito-tempo-alertamos-sobre-racismo-contra-nos-mas-universidades-tem-sido-omissas/>

Leia mais: <http://www.ceert.org.br/noticias/crianca-adolescente/7768/escola-livre-de-racismo>

Os alunos que experimentam o **racismo** possuem níveis reduzidos de autoestima, autoconfiança, e carregam sentimentos de insegurança e de fracasso. Os estudantes que sentem que sua cultura e identidade não são valorizados também podem experimentar redução dos níveis de autoestima e sentem que não têm lugar no sistema escolar. Esses sentimentos podem levar a uma rejeição de sua própria cultura, língua, valores e uma subsequente perda de identidade.

Leia mais em: <http://www.geledes.org.br/historia-africana-pode-resgatar-autoestima-dos-afrodescendentes/>

O **abuso racista** e o **bullying** podem provocar, nos alunos, o medo da escola e a vontade de se isolar dos outros alunos e das atividades escolares. Se a escola não abordar as atitudes e as ações discriminatórias, os alunos e professores se sentirão frustrados e impotentes, diante do fato de constatarem que não têm direito a um tratamento igualitário.

Os estudantes, que tenham sido vítimas de **racismo** são frequentemente incapazes de se concentrar nas aulas e podem não estar dispostos a participar ou assumir riscos na aprendizagem, por medo de represálias ou do ridículo de cometerem erros. As evidências também sugerem que os estudantes que estão descontentes com a escola são menos propensos a frequentar a escola regularmente e é provável que a abandonem mais cedo do que outros grupos de estudantes. O **racismo** tem sido associado à depressão, à uma menor produtividade e a um aumento na incidência de estresse e faltas.

Embora todas as pessoas sejam afetadas pelo **racismo**, a evidência mostra que os negros e os indígenas sofrem repetidas vezes as consequências de atos racistas nas escolas brasileiras. Leia mais em:

<http://www.ceert.org.br/noticias/crianca-adolescente/4808/o-que-afasta-as-criancas-e-adolescentes-negros-da-escola>

As pesquisas comprovam que os estudantes negros abandonam a escola em proporção muito maior do que os outros alunos. Além disso, eles continuam a ser o grupo com menor probabilidade de completar os estudos.

Concomitante com as taxas mais baixas de participação, os problemas de comportamento e os sentimentos de alienação, que resultam da presença do **racismo** nas escolas, tudo isso gera um profundo impacto sobre os resultados educacionais.

Leia mais em: <http://www.geledes.org.br/refugio-historia-sentida-de-um-aluno-de-15-anos-vitima-de-bullying-e-do-preconceito/>

A educação depende da participação regular de cada aluno e de sua capacidade de participar de forma eficaz na sala de aula. Num **ambiente de aprendizagem racista**, este equilíbrio é interrompido e os resultados educativos passam a ser limitados.

15.1 Alguns indicadores de atitudes racistas:

- Recusa em cooperar com pessoas de diferentes grupos;
- Recusa em trabalhar com pessoas de determinadas origens culturais ou linguísticas;
- Recusa em jogar ou sentar ao lado de estudantes de diferentes grupos culturais e linguísticos;
- Excluir colegas de grupos sociais baseado em sua etnia;
- Excluir estudantes de grupos com base em sua língua;
- Discriminar alguém em função do contexto cultural, ou linguístico, dos seus familiares, amigos ou colegas;
- Fazer propaganda racista usando emblemas, insígnias ou roupas com slogans contra determinados grupos culturais, de gênero ou linguísticos;
- Escrever cartas ou pintar (grafitar) slogans dirigidos contra determinados grupos culturais, de gênero ou linguísticos;
- Promover oposição a determinados grupos culturais, de gênero ou linguísticos;
- Promover atitudes de intolerância racista através da Internet e de outras mídias eletrônicas;
- Fazer comentários racistas, ridicularizar ou abusar (de forma verbal ou escrita);
- Ridicularizar o tipo de vestimentas, alimentos ou a aparência física de pessoas de diversos grupos linguístico-culturais, utilizando-se de linguagem depreciativa ou de termos dirigidos contra determinados grupos;
- Ridicularizar ou imitar os sotaques ou gestos de pessoas de diferentes grupos culturais, de gênero ou linguísticos;

- Fazer afirmações estereotipadas sobre determinados grupos culturais, de gênero ou linguísticos;
- Dizer às pessoas que: “voltem para os seus países de origem”;
- Fazer piadas abertamente dirigidas contra determinados grupos de gênero, culturais ou linguísticos.

16. Por que, afinal?

A **educação** deve responder à pergunta sobre **o porquê vivemos juntos** e dar a todos, ao longo da vida, a capacidade de desempenhar um papel ativo na constituição do futuro da sociedade. O sistema de ensino tem, portanto, a tarefa explícita, ou implícita, de preparar todos para este papel social.

As escolas desempenham um papel vital na preparação de nossas crianças e jovens para uma participação e cidadania responsáveis na sociedade brasileira. Assim, elas têm como tarefa principal: a de contribuir para o desenvolvimento de **uma sociedade livre de racismo**.

Existem muitas responsabilidades significativas para as escolas em relação à luta contra o **racismo**. Elas têm a responsabilidade de proporcionar um ambiente de ensino e uma aprendizagem inclusiva, que proporcionem a todos os estudantes e funcionários a oportunidade de atingirem seu pleno potencial. Elas também devem responder às necessidades específicas dos alunos, funcionários e à comunidade de diversas origens culturais e linguísticas. Finalmente, elas são as responsáveis por prepararem os alunos para contribuir com o desenvolvimento de uma justa e harmoniosa sociedade.

16.1. Como criar um ambiente inclusivo?

Existem imperativos legais e morais para assegurar que a aprendizagem e o ambiente de trabalho sejam isentos de comportamentos racistas e que as políticas e práticas não são direta ou indiretamente, baseadas na cultura, língua, etnia ou religião. As medidas políticas específicas para combater o racismo, como as políticas antirracistas, antidiscriminatórias e os mecanismos de denúncia precisam ser implementados para garantir que um ambiente apoiador seja criado. Membros de toda a comunidade escolar: alunos, funcionários e os pais precisam estar cientes de seus direitos e responsabilidades com relação à discriminação racial e que terão apoio para acessarem os mecanismos de denúncia.

Leia mais em: <http://www.ceert.org.br/noticias/educacao/8000/escola-inclusiva-melhora-desenvolvimento-de-criancas-com-deficiencia-no-rio>

As escolas precisam positivar a **Diversidade** e criar um ambiente que torne possível a contribuição de todos. O conjunto de valores, as percepções e as maneiras de interagir com o mundo, que todos os membros da comunidade escolar trazem, devem ser tanto reconhecidas como aceitas. Apenas em um ambiente de trabalho e de aprendizagem inclusiva, as parcerias podem ser construídas.

Há a necessidade de atender às necessidades dos alunos, dos funcionários e dos pais que, cultural e linguisticamente, possuem diversas origens.

Escolas em todo o Brasil variam no grau de **diversidade cultural** entre suas comunidades. Algumas escolas são altamente diversificadas cultural e linguisticamente, enquanto outras, aparentemente, refletem uma ou algumas culturas.

As escolas precisam garantir que precisarão atender às necessidades de todos os membros no âmbito das respectivas comunidades.

As barreiras para a participação no ambiente de aprendizagem e de trabalho existem para os indivíduos indígenas, falantes de uma língua diferente do Português. As escolas devem estabelecer currículos para identificar e atender

às necessidades particulares deles. Os planos de ensino, os recursos de aprendizagem e as avaliações práticas devem ser culturais e inclusivas, para atender às necessidades de todos os estudantes de diversas origens culturais e linguísticas.

Embora reconhecendo a primazia do ensino do Português do Brasil, as escolas devem promover atitudes positivas em relação à diversidade de línguas maternas que os alunos trazem para a sala de aula. Ser capaz de falar a própria língua, no caso dos indígenas, é essencial para a própria **identidade**.

Leia mais em: <http://www.ceert.org.br/noticias/outros/3785/tocantinia-passa-a-ter-akwe-xerente-como-lingua-co-oficial-e-recebe-centro-de-educacao-indigena>

16.2 A Educação é a chave para uma sociedade harmoniosa

Uma das tarefas essenciais da **educação** é permitir que as pessoas compreendam/respeitem umas às outras. Os estudantes devem estar equipados com conhecimento e capacidades necessárias para participarem efetivamente como membros da sociedade brasileira e contribuir para o desenvolvimento dos **valores** partilhados. Portanto, as escolas desempenham um papel vital nessa tarefa quando auxiliam os alunos a compreenderem a própria **identidade cultural**, proporcionando meios de referência para que reconheçam e valorizem o Brasil como um País que possui uma grande **diversidade cultural**.

Para fazer isso, os professores devem ensinar de modo justo e preciso sobre o Brasil e o seu lugar na sociedade e na história. Eles devem ajudar os alunos a enxergarem criticamente o mundo ao seu redor e fazer com que reflitam sobre suas próprias crenças e como respondem a elas. Se as crenças racistas estiverem sendo desafiadas de forma significativa, os alunos devem ser levados a compreender as diferentes perspectivas e as questões contemporâneas e imaginar como as coisas poderiam ser diferentes e melhores.

As visões estereotipadas que existem sobre pessoas de diversas origens culturais e linguísticas devem ser debatidas no contexto da educação. Os professores devem levar em conta a **diversidade cultural** que existe em suas salas de aula e evitar fazerem suposições sobre a capacidade e o comportamento dos indivíduos ou dos grupos cultural e linguisticamente diversos dos estudantes. Eles devem enfrentar os estereótipos étnicos negativos e as atitudes que são veiculadas através da mídia, na cultura popular e em alguns materiais didáticos e explicarem o contexto histórico, cultural ou religioso, sob os vários pontos de vistas defendidos pela sociedade.

As escolas devem ser os locais que permitam que as crianças e os jovens compreendam melhor a si mesmas, aos outros e ao mundo que os rodeia, desenvolvendo a compreensão intercultural e a consciência das atitudes que permitem que o **racismo** ganhe força. Resumindo, **as escolas devem ser os locais que auxiliem, tanto às crianças como aos jovens, a desenvolverem opiniões fundamentadas sobre questões brasileiras contemporâneas e prepará-las para uma efetiva participação na sociedade brasileira e mundial.**

Mas, para **compreender os outros**, é preciso primeiramente **conhecer a si mesmo**. Para dar às crianças e jovens uma visão precisa do mundo, a educação deve, primeiramente, ajudá-los a descobrir **quem** eles são. Somente então é que eles realmente serão capazes de **se colocarem no lugar das outras pessoas e entenderem suas reações**. Se isso ocorrer, todos colherão dos seus frutos, em termos de comportamento social, por toda uma vida.

16.3 Como *professor*, como posso combater o racismo dentro da sala de aula, efetivamente?

- **Conheça os seus direitos e responsabilidades;**

- Reflita sobre as suas próprias opiniões e pontos de vista sobre o que seja a **identidade brasileira**;
- Esteja ciente dos seus próprios direitos e responsabilidades em relação à **discriminação racial**;
- **Desafie os comportamentos racistas**, sempre que for confrontado com eles;
- Ensine aos seus alunos o que significa **ter um comportamento racista** e defina claramente o que seja ter um **comportamento não-racista**;
- O **comportamento racista** é ensinado pela família, pela comunidade, pelos meios de comunicação e pela cultura popular. Quando você vê um comportamento racista, você sabe, imediatamente **onde** e **quando** ele ocorre. Ensine aos seus alunos sobre **direitos e responsabilidades** (deles e dos outros) em relação à **discriminação racial**. E incentive os alunos a denunciarem os comportamentos racistas. Leia mais em: <http://www.geledes.org.br/disque-100-recebera-denuncias-de-racismo/> ;
- Seja um **modelo positivo de comportamento não-racista** dentro da sala de aula. Seja coerente e justo quando enxergar qualquer **ação discriminatória** na escola. Seja sensível e respeitoso com as práticas e crenças de outras pessoas. E compartilhe informações sobre a sua própria formação cultural;
- Avalie as suas próprias atitudes, comportamentos e formação cultural. Identifique as suas próprias necessidades de aprendizagem em relação à educação para **combater o racismo** e a compreensão cultural e prática do ensino inclusivo. Desenvolva e amplie a sua compreensão intercultural. Cerque-se de informações exatas sobre o racismo e seus efeitos.
- Assista a debates sobre temas da atualidade, tais como: 1. Os indígenas já eram os donos da terra quando os portugueses chegaram ao Brasil e 2. Sobre a vinda dos imigrantes ao País e forme suas próprias opiniões com base nos fatos;

- Avalie a sua própria prática de ensino e aprendizagem e tente desenvolver materiais didáticos que sensibilizem os alunos no que diz respeito à questão do **preconceito racial**;
- Reconheça o valor cultural da **Diversidade**;
- Estabeleça as práticas de sala de aula que **reflitam** e **valorizem** as perspectivas das comunidades de diversidade cultural e linguística. Leia mais em: <http://enredosdahistoria.blogspot.com.br/2015/06/a-confeccao-de-abayomis-como.html>
- Aprenda a ouvir sobre as origens culturais e linguísticas dos alunos da sua escola. Trate os seus alunos como indivíduos. Não faça suposições sobre cada um deles com base nos **estereótipos** de grupos particulares. Decore os nomes dos alunos e os pronuncie corretamente. Incentive-os a expressarem suas próprias **identidades** ou identidades culturais e faça com que eles tentem preservar suas línguas maternas. Discuta, a partir disso tudo, a importância da **diversidade cultural**. Leia mais em: <http://enredosdahistoria.blogspot.com.br/2015/07/colecao-africa-brasil-um-excelente.html>
- Crie um ambiente de **aprendizagem inclusiva**. Procure se utilizar e compartilhar dos recursos de aprendizagem; que incluem as perspectivas das comunidades de diversidade cultural e linguística;
- Incorpore ao seu plano de ensino um material didático que **desafie as atitudes racistas** e facilite a compreensão da diversidade cultural nas atividades de ensino e de aprendizagem;
- Certifique-se de que os estudantes, de todas as origens, se sintam confiantes para participarem das atividades desenvolvidas em sala de aula;
- Incentive a **interação positiva** entre alunos de diferentes origens;
- Elabore tarefas de avaliação para que diferentes grupos não sejam discriminados pelos outros alunos;

- Certifique-se de que as instruções verbais sejam facilmente compreendidas por todos os alunos;
- Ensine-os que a Língua Portuguesa é o padrão brasileiro de Norma Culta, mas explique a todos que as variações de sotaques e dialetais existem e devem ser respeitadas. Ser brasileiro é falar a mesma coisa, mas com diferentes usos de palavras, seja no Sul, seja no Norte.
- Incentivar o envolvimento dos pais e dos membros da comunidade de todas as origens a participarem nas atividades escolares.

16.3 Como *aluno*, como posso combater o racismo dentro da sala de aula, efetivamente?

- Conheça os seus direitos e responsabilidades. Esteja ciente dos seus próprios direitos e responsabilidades em relação à **discriminação racial**;
- Avalie o seu próprio comportamento para se certificar de que você não discrimina os outros;
- Tome uma posição firme **contra o racismo**. Não aceite opiniões de cunho racistas, desafie as pessoas. Recuse-se a participar de condutas racistas. Caso você ouça outros alunos contando piadas racistas, chame-lhes a atenção do fato de que eles podem estar ferindo os sentimentos das outras pessoas. Relate aos professores se você vir estudantes cometendo bullying sobre outros ou lhes xingando com palavras racistas;
- Comunique aos professores sobre qualquer **material racista** que você encontrar.
- Aprenda sobre outras culturas e compartilhe o que você aprendeu;
- Descubra outras culturas e línguas;
- Orgulhe-se de sua própria cultura e língua maternas;

- Procure aprender mais sobre as culturas dos outros alunos da escola e compartilhe com eles informações da sua própria cultura;
- Inclua alunos de diferentes origens nas atividades de sala de aula e durante a pausa para o Lanche;
- Compartilhe com a sua família e amigos o que aprendeu sobre **diversidade cultural** e **racismo**. Promova atividades que celebrem a Diversidade cultural.
- Forme suas próprias opiniões. Pense no que você lê, vê na televisão e ouve no rádio sobre os diferentes grupos de pessoas. Tudo isso é justo? Tire as suas próprias conclusões sobre os fatos. Não julgue as pessoas baseada em **estereótipos** sobre os diferentes grupos de pessoas.

17. Conclusão

Devemos reconhecer que o **racismo** é uma infeliz realidade no Brasil. E é importante que o reconheçamos como um problema, historicamente presente no nosso País.

Além disso, as **questões do racismo** e do **antirracismo** devem ser reconhecidas como assuntos amplos e complexos. O **racismo** não é facilmente definido ou explicado, e é um conceito que continua a se desenvolver e a se transformar. Deste modo, este **MANUAL** pretende ser o início de muitos debates, sempre se baseando nas histórias oralizadas como uma das ferramentas para combater o **racismo**.

Isso tudo pelo fato de o **racismo** continuar se perpetuando nas estruturas mais amplas da sociedade brasileira. Por este motivo temos que prosseguir na análise dos seus efeitos prejudiciais sobre as pessoas. Temos de acompanhar o que estiver sendo feito pelo sistema de justiça; pelos meios de comunicação; pelas oportunidades de emprego; pelo governo como um

todo; pelo ativismo; pelos que perpetuam o ódio e, sobretudo, pela Educação.

Hoje em dia as possibilidades para a pesquisa sobre racismo e antirracismo foram incrivelmente ampliadas com o desenvolvimento da internet e suas ferramentas de pesquisa acessíveis a todos. No entanto, um grande número de informações pertinentes muitas vezes permanece inacessível devida à uma consciência inadequada de como realizar pesquisas na Internet.

Esperamos que este MANUAL auxilie aos que procuram informação adequada sobre tais temas.

18. Bibliografia (em construção)

<http://teen.ibge.gov.br/mao-na-roda/cor-ou-raca.html>

<http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2014-01-05/lei-que-define-crimes-de-racismo-completa-25-anos>

<http://www.ceert.org.br/noticias/direitos-humanos/11138/os-danos-psicologicos-do-racismo-para-ativistas>

<https://pib.socioambiental.org/pt/povo/kaingang/284>

<https://pib.socioambiental.org/pt/c/no-brasil-atual/linguas/introducao>

[Ações humanitárias devem incluir igualdade de gênero em suas estratégias, destaca coordenador da ONU](#)

[Polêmica sobre questões de gênero pode deixar alunos do Recife sem livros](#)
<http://www.ceert.org.br/noticias/direitos-humanos/10971/nao-e-ideologia-de-genero-e-educacao-e-deve-ser-discutido-nas-escolas-diz-pesquisadora>

<http://www.cimi.org.br/pub/MS/escolas/ManifestoEduca.pdf>